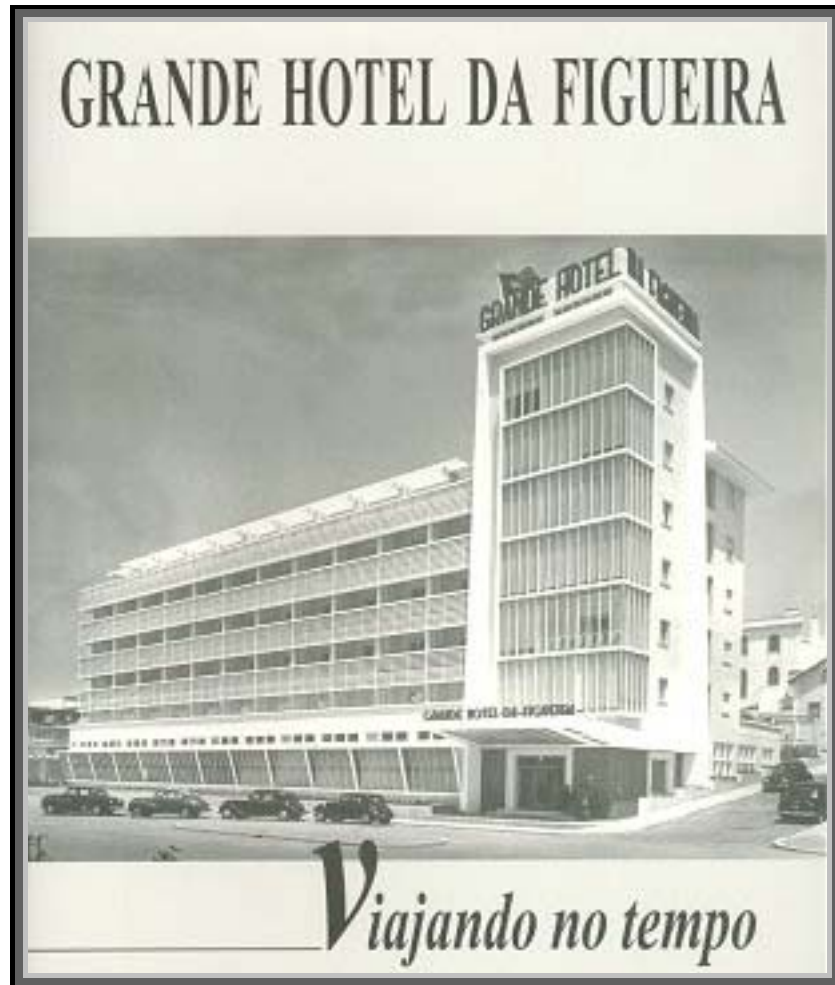


ANTÓNIO JORGE LÉ



\* \* \* \*

## À GUISA DE INTRÓITO

A cosmopolita praia da Figueira, que em 1858 já era considerada a melhor do país, começou a alinhar barracas muito cedo. Acompanhou o crescimento do turismo nacional e assistiu ao desfilar de *toilettes* típicas da sociedade elegante e mundana que frequentava a “mais linda praia de banhos de Portugal”, como a definiu Ramalho Ortigão. O escritor, ao espalhar uma série de adjetivos pelas estâncias balneares da época, disse ainda que “a grande baía compreendida entre o Cabo Mondego e a embocadura do rio desenha uma curva encantadora, lembrando os mais risonhos e os mais doces golfos do Mediterrâneo”.

Chapéus ornamentados com laçarotes, botinas de cano alto, e os imprescindíveis saiotes, até ao chão, marcavam a moda feminina que também *vestiu* a praia da Figueira no princípio do século. Com um ar sério, os homens, de bigodes e olheiras, faziam sobressair dos fatos escuros os colarinhos apertados. As luvas agarravam a bengala que marcava a era dos palhinhas e das polainas.

Os mais pequenos seguiam pela mão das criadas (trajadas a rigor), copiando a indumentária dos adultos que povoavam a praia, mas cuidadosamente resguardados do sol! A entrada e saída do mar eram envoltas num cerimonial bastante complicado, já que banhar o corpo e gozar o regalo inefável da água era privilégio restrito.

A Figueira, no dizer dos escritores Maurício Pinto e Raimundo Esteves, era um burgo plácido e quieto, para onde se ia gozar um veraneio tranquilo e doce.

“Chegavam ao trote açodado de carruagens vistosas, estrondeando na velha Rua do Monte, as fidalgarias de maior timbre e renome”.

Em Outubro, após as colheitas, os banhistas de “alforge” (abastados lavradores das Beiras) davam continuidade ao Verão.

Os miúdos, de sandálias e chapéu na cabeça, chilreavam como pardais em saudáveis brincadeiras: apanhavam conchas e davam corridas até chegar a hora do almoço, refeição que normalmente terminava com o tradicional melão...

À noite os cafés regorgitavam. As orquestras pincelavam de música as esplanadas. A Figueira saboreava os quentes anos da sua vida.

As raparigas andaluzas deixavam no ar trilos rutilantes no período triunfal de cada época. Havia um esplendor aristocrático nas esquinas do Bairro Novo, zona que entretanto ia crescendo.

Os prédios caiados, o bafo do mar e a claridade do céu conferiam à Figueira um estatuto único - pedaço de encantamento, recorte afável e “onde a sedução anda embalada”, como frisou a poetisa figueirense Carmen Duarte.

Antero de Quental inspirou-se no pôr-do-sol da Figueira para, na sua poesia *À Beira Mar - o Crepúsculo*, escrever:

*Gigante imenso de esplendor e brilho  
O Sol, um instante, viu-se ali lutar  
Depois cansado, declinando rápido  
A lassa fronte repousa no Mar. (...)*

Nas páginas antigas que relatam a História da Figueira da Foz, pode verificar-se que diversas unidades hoteleiras marcaram o arranque turístico desta cidade-praia. O Hotel Aliança, fundado no princípio do século por Domingos Martins, de início na Praça Nova e, posteriormente, com sucursal na Rua Miguel Bombarda, e o primitivo Hotel Reis, propriedade de José dos Reis Correia de Lemos, hoje Hotel Hispânia, foram determinantes para a hotelaria figueirense.

No Almanach Praia da Figueira (1878/79) anunciavam-se os preços deste hotel: “Almoço de garfo, com dous pratos, vinho, chá ou café; jantar com trez ou quatro pratos de meio; ceia, servida às 8 horas da noite por cada hóspede 1:000 reis. Jantares à meza redonda, 500 reis por cada pessoa. Ceias, a sua importância varia em harmonia com o que for pedido”.

No antigo Hotel Reis (nessa época situado na Praça Velha) estiveram hospedados, ao mesmo tempo, Guerra Junqueiro, Cândido de Figueiredo, Gonçalves Crespo, Manuel de Arriaga e Bettencourt Rodrigues.

“Já não era um mero hotel de praia: era uma sucursal da Academia, uma espécie de Academia a banhos”, como escreveu Luiz de Oliveira Guimarães.

O número de prédios de aluguer foi crescendo e a apetência para a actividade turística também.

Em 1942 a Figueira da Foz possuía 28 hotéis e pensões, num total de 663 quartos. Refira-se, a título de curiosidade, que em relação ao longínquo ano de 1879 verificava-se já um aumento de quartos na ordem dos 448%.

No início dos anos 50 arrancam as obras que ergueram o Grande Hotel da Figueira.

Arménio Faria, Ernesto Tomé, Pereira da Silva, Mário Barraca, Álvaro Borges, Luciano Coelho, Jerónimo Pais e Freitas Lopes, foram alguns dos nomes importantes no aparecimento do Grande Hotel

Para a memória ficam ainda o Grande Hotel Jardim Español (assim designado por se relacionar com o intenso afluxo de turistas espanhóis) e o Casino Mondego, posteriormente Hotel Portugal.

Augusto Alves da Silva foi um nome importante na hotelaria local. A sua dinâmica foi responsável pelo aparecimento do antigo Hotel Praia e Estalagem da Piscina, para além de integrar a lista de fundadores da Sociedade Figueira Praia.

Iniciou-se na hotelaria no Hotel Martinho tendo, mais tarde, adquirido os terrenos onde foi edificado o Grande Hotel e de cuja obra foi grande impulsionador.

## GRANDE HOTEL DA FIGUEIRA

De frente para o Atlântico, com privilegiado olhar sobre a Serra da Boa Viagem, o Grande Hotel da Figueira nasce num terreno da encosta e marca uma viragem na oferta hoteleira nacional.

Idealizado pelo arquitecto Inácio Feres Fernandes, esta modelar unidade hoteleira foi inaugurada a 28 de Junho de 1953.

Um terraço panorâmico e uma torre elegante fixaram a sua postura ativa ante o mar e a praia, que tantos poetas cantaram.

Sem pesadas sumptuosidades, o edifício foi rodeado de vários estu- dos para que a comodidade e conforto se espalhassem pelos 110 quartos - distribuídos por cinco andares - e outros espaços públicos.

### A INAUGURAÇÃO

Às 13 horas do dia 28 de Junho, perante centenas de convidados, o governador civil de Coimbra e o então presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Álvaro Malafaia, procederam à inauguração do Grande Hotel, com o corte da fita simbólica.

Após demorada visita a todas as instalações, foi servido um lauto banquete. Houve brindes e usou da palavra Arménio Faria, administrador-delegado da Sociedade Figueira Praia, entre outros.

O comendador Mário Barraca, o arquitecto Peres Fernandes, Carlos Eduardo Rodrigues (construtor civil), mestre Julião, Thomaz de Mello e Vaz Branco, foram algumas das personalidades distinguidas naquela tarde.

No acto inaugural foi executada a marcha do Vapor. Presentes estiveram as filarmónicas “Figueirense” e “Dez de Agosto”.

### OS JORNAIS

Dias depois da inauguração, o jornal local “Notícias da Figueira” fazia referência ao momento e escrevia: “...Foi um acontecimento de relevo a

inauguração desse melhoramento que muito valoriza não só o turismo da Figueira da Foz, como também de Portugal. (...)

Difícil se torna descrever toda a beleza desse bloco de linhas arquitectónicas moderníssimas e de ambiente europeu, que majestoso se ergue em frente da Rainha das Praias Portuguesas, a dominar uma panorâmica que surpreende e encanta....”

A comunicação social de então noticiou amplamente o novo Hotel que surgia na Figueira da Foz.

“A Voz da Figueira”, em reportagem assinada por José Maria de Carvalho, dava grande destaque à cerimónia. “Desde a imponência majestosa do edifício, da grandiosidade da sua sala de jantar, da sumptuosidade do *hall* e dos seus mármore, do acolhedor ambiente da sala de estar, da beleza estética dos seus aposentos”, até à sobriedade e riqueza do mobiliário, ou à graciosidade inconfundível das decorações e do bar, respira-se um ambiente elegante e requintado que “é um grito a subjugar e a prender a nossa sensibilidade”.

Um Hotel equipado com modernos requisitos, entre os quais uma barbearia.

No então bi-semanário “O Figueirense” (editado por Aníbal Correia de Matos), a inauguração do Grande Hotel rasgava a primeira página. “Estabelecimento majestoso que em muito vem realçar a beleza da nossa mais linda praia”.

Aquando da inauguração sublinhava-se já a importância do novo Hotel funcionar todo o ano, o que não aconteceu de início.

## AS DECORAÇÕES E A ARTE

A sobriedade das linhas do mobiliário ligou-se desde sempre aos tons quentes e harmónicos das paredes, onde sobressai diversa pintura e escultura.

No hall, uma pintura mural, plena de dinâmica, transporta-nos à natureza: mar, rio, serra e vale. O sol encarrega-se de penetrar na paisagem. O desporto e a juventude estão presentes! Sobre a porta, duas sereias simboli-

zam a atracção do mar. Molina Sanchez foi o autor dessas pinturas, assim como do painel da Sala de Jantar representando as quatro estações do ano.

Uma escultura de Martins Correia ornamenta ainda o restaurante do Hotel.

No salão surge-nos (na parede direita) uma espécie de álbum de imagens ligadas à Figueira. Thomaz de Mello (Tom), com a colaboração de Manuel Lapa, deixou arte através de um grupo de figuras que destaca D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal que, confirmado por historiadores, esteve a banhos nas águas do Mondego; Sá de Miranda, que também na Figueira escreveu muitos dos seus versos; e Wellesley que desembarcou em Lavos para combater as tropas de Napoleão.

A construção das velhas naus, o antigo mercado de peixe, as olarias de outrora e o espírito religioso dos pescadores, compõem igualmente a obra.

Trata-se de um desenho forte, representativo, completado por outra composição, na mesma tonalidade e sabor, que embeleza a parede fronteira.

Homens e mulheres ligados à faina do peixe destacam a pesca do bacalhau; a venerável Capela da Senhora da Encarnação - pejada de significado religioso na vila de Buarcos - e o forte de Santa Catarina, fazem parte do painel.

O Pelourinho da Figueira (que data de 1782), a indústria naval, S. João (de largas tradições locais) e S. Pedro, padroeiro dos pescadores, fecham esta pintura que confere grandiosidade e beleza a uma das salas principais do Grande Hotel.

Junto à lareira um recanto agradável e acolhedor um anjo alado sobre uma figueira pode ver-se desenhado na chaminé.

Um ambiente festivo ressalta do painel que servia de fundo ao antigo bar (actual recepção). A pintura retrata uma aldeia de beira-mar, imaginada e fértil de pormenores.

Na fantasia e na cor - um cromatismo atrevido, original e harmonioso - estão pedaços de um passado que recorda a Figueira em festa. O pintor Tom (que assina o trabalho) empregou o melhor do seu espírito inventivo. A feira, os romeiros, o coreto...

“Uma verdadeira sinfonia de cores, fugindo à ilusão da realidade”, conforme escreveu Ernesto Tomé no semanário *A Voz da Figueira*. Ao lado estava o carrossel de bebidas que rodava consoante os sabores...

### **THOMAZ DE MELLO**

Possuía um cromatismo exuberante e alegre. Distribuiu centenas de trabalhos por museus e colecionadores nacionais e estrangeiros.

Pintor, desenhador, decorador e artista gráfico, Thomaz de Mello (Tom) nasceu, circunstancialmente, no Rio de Janeiro, em Agosto de 1906.

“A sua vastíssima obra assentou esteticamente na aplicação estilística e no desdobramento desses valores” (Fernando Azevedo). O escritor Jorge Amado, escreveu um dia que “Tom foi conquistado pela beleza lírica e dramática da Bahia”.

Durante a sua carreira rubricou mais de meia centena de exposições individuais, publicou cinco álbuns e executou 40 tapeçarias.

Nos anos 30 era rara a publicação portuguesa que não incluía nas suas páginas caricaturas assinadas por Tom.

Condecorado, premiado e distinguido pelo seu talento, Thomaz de Mello é uma referência na arte pictórica.

Tom: o principal fautor das pinturas do Grande Hotel.

## PEDAÇOS DE HISTÓRIA

Ao longo dos anos inúmeras personalidades frequentaram o Grande Hotel. Reis, princesas, presidentes, embaixadores, políticos, empresários e artistas dormiram neste *quatro estrelas*.

### FIGURAS

Em 1962 a argentina Norma Nolan (Miss Mundo) esteve na Figueira e participou num cortejo de carros alegóricos, artisticamente decorados e com batalha de flores. A Tobis Portuguesa gravou em imagens esse momento.

Os principais técnicos da exploração petrolífera (que se desenvolveu ao largo da Figueira) e os peritos na regularização do Baixo Mondego, fixaram também *residência*, durante bastante tempo, no Grande Hotel.

### FACTOS

“E quando a cidade dormia, alguém se deparou com o espectáculo anormal de um navio, completamente iluminado, encalhado no areal da praia”. Assim escrevia o semanário *A Voz da Figueira*, em Dezembro de 1968.

Era o relato do acidente com o cargueiro holandês “Hera”, uma embarcação que vinha carregar pasta para papel e que encalhou na praia. A tripulação foi salva e pernitoou no Grande Hotel e na Pensão Esplanada.

#### Festas

Em Fevereiro de 1982 uma grande festa a favor da Cruz Vermelha Portuguesa trouxe, entre vários artistas, a cantora brasileira Fafá de Belém. Uma noite especial e de grande significado apresentada por Carlos Cruz.

O tradicional Rancho do 1º. de Maio (Tavarede) também escolhia o Grande Hotel para vincar a sua deslocação à Figueira.

## FILMES

No Grande Hotel foi ainda rodada grande parte da película “Casino Oceano”. Um filme com João Perry, Maria do Céu Guerra, Joaquim Ramos, entre outros.

## RÉVEILLONS

Durante largos anos as grandes festas da passagem de ano aconteceram no Grande Hotel.

Por vezes, ao som de orquestras espanholas, após a actuação de grandes nomes do espectáculo, dançava-se até de manhã.

O Casino Peninsular abria apenas entre os meses de Maio e Outubro.

As canções de José Nobre animaram grandes noites de Fim-de-Ano.

O Grande Hotel promoveu também chás dançantes, no terraço panorâmico (5º piso). Conjuntos como *Shegundo Galarza*, *Andrea Tosi*, entre outros, musicavam tardes inolvidáveis.

## RALLYES DE FIM-DE-ANO

Provas automobilísticas que ficaram na memória.

Augusto Martins foi um dos responsáveis por este rallye de características muito especiais e que enchia de velocidade a então avenida Salazar.

Um concurso de elegância automóvel e uma passagem de modelos de “Último Figurino”, completavam esta jornada desportiva.

## MEMÓRIAS

De galões amarelos, reluzentes como ouro, os *grooms* do Hotel degladiavam-se pela gorjeta! Sob o olhar atento e sereno do Pimenta (chefe da Portaria), trintanário e ascensoristas desdobravam-se em amabilidades.

O Bugalho completava o acolhimento de cada hóspede. Um cumprimento rematado quase sempre por um sorriso

O *check-in*, simpaticamente feito pelo Sousa - um *gentleman* à boa maneira antiga -, transportava-me para o interior do Hotel.

Enquanto os quartos eram arrumados, uma operação delicada e fina, supervisionada pela governanta (Amélia Trovão), eu dava um salto ao bar. O David e o Quim, por entre uns dedos de conversa, serviam-me o *gin tónico* que abria o apetite para o almoço.

Calcorreava o *hall* e lia a ementa. A recepção não se fazia esperar: vestido de preto, em tom cerimonial, o Pacheco (maître d'hotel) indicava-me a mesa. O Marques tratava do resto...

Da cozinha, o chefe Gonçalves regia magistralmente o repasto. Uma lista opulenta e de complicada escolha, dados os paladares sugeridos pelas iguarias.

Quando me sentava à mesa o tinto era recomendado lá de dentro, pelo Manuel Lopes.

Pegava na chave, subia as escadas e batia uma soneca. A Arminda (da central telefónica) despertava-me às 6 da tarde. Que férias!

Depois do duche, descia, fazia a barba no Tozé e apapricava-me para ir ao Casino cumprimentar o Neto...

## PEÇAS PROMOCIONAIS

Antes da avançada tecnologia ao serviço da comunicação, o Grande Hotel utilizava as páginas dos mais prestigiados jornais para publicitar os seus programas especiais.

Os desdobráveis eram igualmente excelentes veículos promocionais. Com acções comerciais específicas, esta unidade hoteleira assinou contratos com importantes operadores turísticos, tais como: Deutsch Flugreisen, Horizon, Cathedral, Arrowsmith, Wallace Arnold e Fritidsresor, esta última exclusivamente vocacionada para o mercado escandinavo.

## A ACTUALIDADE

No final dos anos 70, o Grande Hotel da Figueira sofre obras de remodelação. Na década seguinte, juntamente com outras unidades da Sociedade Figueira Praia, é explorado pela empresa Figueirotéis, Lda. Mais tarde este grupo de hotéis trabalha sob a gestão da Confortéis.

Entretanto duas novas unidades são construídas: os apartamentos “Atlântico” e “Sotto Mayor” que, a par com o Hotel Internacional, penetram nos diversos segmentos de mercado.

O Grande Hotel conhece, em 1995, nova e profunda actualização, sem sofrer quaisquer alterações à linha arquitectónica inicial. O investimento, que ultrapassou os 800 mil contos, restituiu às suas principais salas o prestígio do passado.

Considerada “Imóvel de Interesse Público”, esta unidade adere, em Outubro de 1996, ao Grupo Accor - o maior grupo hoteleiro do mundo -, adoptando o nome de “Mercure”. Um contrato sob os auspícios do Grupo Amorim, maioritário na Sociedade Figueira Praia, SA, e que visa relançar nos mercados turísticos internacionais este reconhecido Hotel.

## O BAR

A arte surge em quase todos os espaços do Hotel. Servindo de fundo ao bar, a Figueira da Foz mostra-se em perspectiva na linha de Zé Penicheiro.

Uma saudação ao sol e um retrato da cidade, a partir da zona velha, fazem esta pintura que serve de cenário ao actual bar. Mestre Zé Penicheiro lembra os velhos barcos e a imponência da Casa do Paço.

Na pintura vê-se ainda a Casa das Conchas e o Castelo Engenheiro Silva, para além da torre do relógio.

A esplanada e as barracas antigas recuperam no mural as figuras de ontem...

## ZÉ PENICHEIRO

Nasce na aldeia beirã de Candosa (Tábua) e passa a sua juventude na Figueira da Foz. Inicia a sua carreira artística como caricaturista e ilustrador. Colabora em diversas publicações, nomeadamente em jornais do Porto e de Lisboa. Criador duma expressão plástica original que denomina de “Caricatura em Volume”, inicia o seu ciclo de exposições em 1946. Dez anos mais tarde, começa a colaborar com a RTP e realiza viagens de estudo a alguns países da Europa. Estabelece-se no norte do país, onde desenvolve actividade nos domínios da publicidade criativa e da decoração.

No final da década de 70, regressa à região centro e passa a dedicar-se em exclusivo à pintura. Possui larga representação em museus e colecções particulares espalhadas pelo mundo e tem participado em diversas exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro.

Para o crítico Mário Nunes, “a obra de Zé Penicheiro deixa na memória um lastro misterioso mas palpável, de uma realidade actuante e actual, interligada por cores e formas, onde as personalidades se perfilam entre o concreto que *vivem* e o sonho que *impulsiona*”. A obra de Zé Penicheiro, no dizer de Fernando Fausto de Almeida, “afirma-se como um fascinante exercício de rigor, equilíbrio, contenção e expressividade”.

## OS QUARTOS

Amplos e modernos, os 102 quartos, a par com outras dependências do Hotel, cumprem com rigor todas as normas de segurança.

A qualidade do serviço acompanha o requinte interior. A recente remodelação foi assinada por Ginestal Machado.

Presentemente o Grande Hotel da Figueira ostenta o nome de Hotel Mercure, mas prossegue a sua caminhada seguindo o desenvolvimento da Figueira da Foz.

O Hotel Mercure Figueira da Foz dispõe de 102 quartos climatizados, totalmente equipados de casa de banho completa, televisão, rádio, telefone directo, mini-bar e cofre.

Este conforto, tipicamente “Mercure”, revela ainda um clima verdadeiramente simpático e acolhedor.

Nos prospectos promocionais destaca-se a zona comercial da cidade e o Casino da Figueira - ponto privilegiado de animação e lazer.

Actualmente, o Hotel Mercure oferece ainda espaços para reuniões e seminários, bem como um serviço especial no actual restaurante Quadrante ou na sala Astrolábio, onde predomina a cozinha internacional.

**NOTA:**

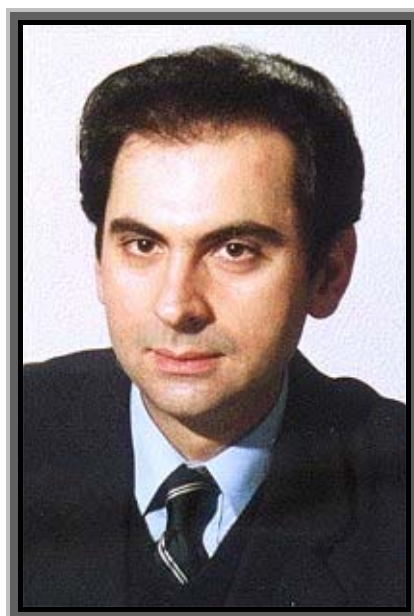
Esta edição electrónica é uma reprodução quase integral da versão impressa do livro "Grande Hotel da Figueira – Viajando no Tempo" da autoria de António Jorge Lé, editado em 1997 pela Sociedade Figueira Praia, Sa. e de distribuição gratuita.

Para saber mais sobre António Jorge Lé e eventualmente obter outras obras visite regularmente a sua página na Internet em: <http://figueira.net/jorgele>

A presente edição deste livro (disponibilizada gratuitamente através da Internet) é resultado de um protocolo de colaboração entre o Autor deste livro e a Figueira.net – A Figueira da Foz na Internet (<http://figueira.net>) de António Cruz.

O Autor autoriza a reprodução desta obra livre de quaisquer encargos desde que a mesma permaneça rigorosamente inalterada. Toda e qualquer reprodução (integral ou parcial) terá sempre de identificar o Autor (António Jorge Lé) e a origem. Se não cumprir estes requisitos estará a lesar a propriedade intelectual e material do Autor.

**O AUTOR:**



A handwritten signature in black ink, which appears to be "António Jorge Lé". The signature is stylized and written in a cursive script.